

## Índice

I	11
II	123
III	227
Nota da Autora	271
Agradecimentos	275

I

A carta chega numa sexta-feira. Aberta e novamente fechada com um autocolante, claro, como todas as cartas que recebem: *Inspecionada para sua segurança — PCTA*. O conteúdo causara confusão na estação de correios, o funcionário desdobrara o papel dentro do envelope, estudara-o, passara-o ao seu supervisor, depois ao diretor. Mas, por fim, a missiva fora considerada inofensiva e enviada para o seu destino. Não trazia remetente, apenas um carimbo de Nova Iorque, datado de seis dias antes. Por fora, o nome dele — Bird — e por causa disto sabe que é da sua mãe.

Há muito tempo que ele não é Bird.

Batizámos-te como *Noah*, o nome do pai do teu pai, contou-lhe a mãe uma vez. *Bird* é só teu.

A palavra que, quando a dizia, lhe parecia ser ele. Algo que não pertencia à terra, uma coisinha veloz. Um trinado curioso, um eu que encaracolava nas orlas.

A escola não gostara. Bird não é um nome, disseram, o nome dele é Noah. A educadora de infância, furiosa: Ele não responde quando o chamo. Só responde a Bird.

Porque o nome dele é Bird, respondeu a mãe. Ele responde por Bird, portanto sugiro que o trate assim, e que se lixe a certidão de nascimento. Em cada recado que chegava a casa, ela pegava num marcador e riscava *Noah*, escrevendo em vez disso *Bird* na linha tracejada.

Era assim a mãe dele: formidável e feroz quando o filho precisava dela.

Por fim, a escola cedeu, embora a partir daí a educadora escrevesse Bird entre aspas, como se fosse a alcunha de um *gangster*. *Querido «Bird», por favor não te esqueças de pedir à tua mãe para assinar a autorização. Caros Sr. e Sra. Gardner, o «Bird» é respeitador e aplicado, mas tem de participar mais nas aulas.* Só quando tinha nove anos, depois de a mãe partir, é que ele se tornou Noah.

O pai diz que é melhor assim, e já não deixa ninguém tratá-lo por Bird.

Se alguém te tratar assim, diz ele, corriges a pessoa. Dizes: Desculpe, mas esse não é o meu nome.

Foi apenas uma das muitas mudanças que tiveram lugar depois da partida da mãe. Um apartamento novo, uma escola nova, um emprego novo para o pai. Uma vida totalmente nova. Como se o pai quisesse transformá-los completamente, de tal modo que, mesmo que a mãe regressasse, nunca os conseguiria encontrar.

O ano passado, quando ia para casa, passara pela sua antiga educadora de infância na rua. Olá, Noah, disse ela, como estás hoje?, e ele não conseguiu perceber se era presunção ou pena que ouvia na voz dela.

Tem agora doze anos; já é Noah há três, mas *Noah* ainda lhe parece uma daquelas máscaras de Halloween, uma coisa de borracha mole, incómoda, que ele não sabe bem como há de usar.

E, agora, do nada: uma carta da mãe. Parece a letra dela — e mais ninguém o trataria assim. *Bird*. Ao fim de tantos anos ele às vezes esquece-se da voz dela: quando a tenta recordar, a memória escapa-lhe, como uma sombra a dissolver-se nas trevas.

Abre o envelope com mãos trémulas. Três anos sem uma única palavra, mas finalmente vai compreender. Porque é que ela partiu. Onde tem estado.

Mas lá dentro: apenas um desenho. Uma folha de papel inteira, coberta de uma ponta à outra de desenhos do tamanho de uma moeda de um cêntimo: gatos. Gatos grandes, gatos pequenos, tigrados e tricolores e pretos e brancos, sentados, a lamberem as patas, a reboarem-se em poças de sol. Rabiscos, na verdade, como aqueles que a mãe costumava desenhar no saco de papel onde lhe mandava o almoço para a escola, há muitos anos, como os que ele às

vezes desenha nos seus cadernos da escola ainda hoje. Pouco mais do que algumas linhas curvas, mas reconhecíveis. Vivas. E é tudo — nem uma mensagem, nem uma palavra sequer, apenas gatos e mais gatos em rabiscos desenhados a esferográfica. Faz-lhe estremecer algo no fundo da mente, mas não consegue agarrar essa sensação fugaz.

Vira a folha, à procura de pistas, mas o verso está em branco.

Lembras-te de alguma coisa sobre a tua mãe?, perguntou-lhe Sadie uma vez. Estavam no recreio, em cima das barras de trepar, com o escorrega aberto à frente deles. No quinto ano, o último ano em que ainda havia recreio. Na altura, já era tudo demasiado pequeno para eles, feito para crianças pequenas. Do outro lado do pátio viam os colegas a correrem atrás uns dos outros: prontos ou não, aí vou eu.

A verdade era que se lembrava, mas não lhe apetecia partilhar, nem mesmo com Sadie. O facto de não terem mãe unia-os, mas era diferente, o que lhes acontecera. O que acontecera com as suas mães.

Não muito, respondera ele, e tu lembras-te de muita coisa sobre a tua?

Sadie agarrou-se à barra por cima do escorrega e içou-se, como a fazer uma elevação de braços.

Só me lembro que ela era uma heroína, disse.

Bird não respondeu. Toda a gente sabia que os pais de Sadie tinham sido considerados incapazes para a criar, e que era por isso que ela acabara na família de acolhimento e nesta escola. Havia todo o tipo de histórias sobre eles: que embora a mãe de Sadie fosse negra e o seu pai fosse branco, eles eram simpatizantes dos chineses que estavam a atrair a América. Corriam também todo o tipo de histórias sobre Sadie: que quando as autoridades a tinham ido buscar ela mordera um dos agentes e corra para os pais, aos gritos, e que fora preciso arrastá-la de lá, algemada. Que esta nem sequer era a sua primeira família de acolhimento, que fora colocada mais de uma vez porque era muito problemática. Que mesmo depois de ela lhes ter sido retirada, os pais continuaram a tentar derrubar a PCTA, como se não quisessem recuperá-la; que tinham sido detidos e estavam presos algures. Ele desconfiava que haveria também histórias sobre si, mas não queria conhecê-las.

De qualquer maneira, continuou Sadie, assim que tiver idade para isso, vou voltar para Baltimore e encontrá-los a ambos.

Ela era um ano mais velha do que Bird, apesar de estarem no mesmo ano, e nunca o deixava esquecer-se disso. Teve de repetir o ano, murmuravam os pais à hora da saída, com pena no tom de voz. Por causa da maneira como foi *educada*. Mas nem mesmo um novo começo consegue endireitá-la.

Como?, perguntou Bird.

Sadie não respondeu e, instantes depois, largou a barra e deixou-se cair ao lado dele, num pequeno vulto desafiador. No ano seguinte, quando a escola acabou, Sadie desapareceu — e agora, no sétimo ano, Bird está novamente sozinho.

Passa pouco das cinco: o pai deve estar a chegar a casa e, se vir a carta, obrigará Bird a queimá-la. Não têm nada que fosse da mãe, nem sequer roupas. Depois de ela se ter ido embora, o pai queimara os livros dela na lareira, destruíra o telemóvel que ela deixara para trás, amontoara tudo o resto no passeio. Esquece-a, dissera. De manhã, as pessoas que viviam com mais dificuldades tinham levado tudo. Algumas semanas mais tarde, quando se mudaram para o apartamento no *campus*, deixaram até a cama que os pais tinham partilhado. Agora o pai dorme numa cama de solteiro, num beliche, por baixo de Bird.

Ele próprio devia queimar a carta. Não é seguro ter alguma coisa dela. Mais ainda: quando vê o seu nome, o seu antigo nome, no envelope, uma porta dentro de si entreabre-se com um rangido e deixa passar uma corrente de ar. Por vezes, quando vê pessoas a dormir no passeio, encolhidas, inspeciona-as, à procura de algo familiar. Às vezes encontra — um lenço às bolinhas, uma camisa com flores vermelhas, um gorro de lã a esconder os olhos — e, por um momento, acredita que é ela. É mais fácil se ela tiver desaparecido para sempre, se nunca mais voltar.

Ouve a chave do pai arranhar a porta, penetrar com dificuldade na fechadura perra.

Bird corre para o quarto, levanta as mantas e esconde a carta entre a almofada e a fronha.

Não se lembra de muito sobre a mãe, mas lembra-se disto: ela tinha sempre um plano. Não se teria dado ao trabalho de descobrir

a nova morada deles, não teria corrido o risco de lhe escrever, sem motivo. Portanto, esta carta tem de significar alguma coisa. E repete isto para si próprio, uma e outra vez.

Ela deixou-os, foi tudo o que o pai disse.

E depois, ajoelhando-se para fitar Bird nos olhos: É melhor assim. Esquece-a. Eu não vou a lado nenhum, é tudo o que precisas de saber.

Nesse tempo, Bird não sabia o que ela fizera. Só sabia que, durante semanas, ouvira as vozes abafadas dos pais na cozinha muito depois da sua hora de estar a dormir. Geralmente, era um murmúrio reconfortante que o embalava e adormecia em minutos, sinal de que estava tudo bem. Mas ultimamente era quase uma luta: primeiro a voz do pai, depois a da mãe, contida, de dentes cerrados.

Mesmo na altura, compreendeu que era melhor não fazer perguntas. Limitara-se a fazer que sim com a cabeça e deixara o pai, quente e sólido, envolvê-lo nos braços.

Só mais tarde viria a saber a verdade, arremessada contra ele no recreio como uma pedrada na cara: *A tua mãe é uma traidora*. D. J. Pierce, a cuspir no chão ao lado dos ténis de Bird.

Toda a gente sabia que a mãe dele era uma Pessoa Asiática de Origem. Kung-PAO\*, como lhes chamavam alguns dos miúdos. Isso não era novidade. Via-se no rosto de Bird, se olhassem com atenção: todas as partes dele que não eram bem como o pai, indícios no formato das maçãs do rosto, no contorno dos olhos. Ser uma PAO, recordavam as autoridades, não era um crime por si só. A PCTA não tem a ver com raça, como o presidente estava sempre a dizer, mas sim com patriotismo e mentalidade.

Mas a tua mãe incitou motins, disse D. J. Foram os meus pais que me disseram. Ela era um perigo para a sociedade e iam prendê-la e foi por isso que ela fugiu.

O pai avisara-o disto. As pessoas vão dizer todo o tipo de coisas, dissera ele a Bird. Concentra-te nas aulas e mais nada. Dizes, nós não temos nada a ver com ela. Dizes, ela já não faz parte da minha vida.

E ele dissera-o.

\* Trocadilho, que pretende ser ofensivo, com o nome de um prato típico da culinária chinesa, frango Kung-Pao. (N. T.)